

TRAJETÓRIA DAS MULHERES DO QUILOMBO DONA SELVINA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA POR MEIO DA LUTA PELO RECONHECIMENTO E DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO

COSTA, Gabrielly Barros da¹; **ALMEIDA**, Rejane Cleide Medeiros de²;

RESUMO

O presente artigo busca compreender a trajetória das mulheres da Comunidade Quilombola Dona Selvina, em São Domingos do Azeitão – MA, na construção de sua identidade por meio da luta pelo reconhecimento e pela demarcação do território. A pesquisa, de abordagem qualitativa, fundamenta-se na História Oral, valorizando as narrativas de vida como elementos centrais na compreensão dos processos de pertencimento, resistência e transmissão de saberes. Os resultados indicam que a identidade quilombola é dinâmica e se constrói nas experiências de luta, nas práticas cotidianas e nos vínculos com o território, entendido como espaço de memória, ancestralidade e resistência. O estudo evidencia a centralidade do protagonismo feminino no fortalecimento da coletividade e na preservação de práticas culturais, destacando sua atuação política na busca pela certificação e titulação das terras. A análise permite uma reflexão ampliada sobre identidade, território e resistência quilombola, revelando que a luta das mulheres do Quilombo Dona Selvina constitui uma expressão de resistência descolonial, que reafirma modos de vida tradicionais e projeta a continuidade da comunidade enquanto sujeito político e coletivo. A relevância desta pesquisa reside em contribuir para o reconhecimento das mulheres quilombolas como protagonistas na construção de saberes e na defesa de seus territórios.

Palavras-chave: Identidade quilombola. Territorialidade. Mulheres quilombolas. Resistência.

1 Mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI).
gabrielly.costa@ufnt.edu.br

2 Professora do Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI).
rejane.almeida@ufnt.edu.br



I. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

O presente artigo aborda a construção da identidade das mulheres da Comunidade Quilombola Dona Selvina, situada em São Domingos do Azeitão – MA, destacando o protagonismo feminino na luta pelo reconhecimento e pela demarcação do território. O tema relaciona-se diretamente às discussões sobre identidade, território, gênero e resistência, inserindo-se na área de Ciências Humanas, com foco principal em estudos de Culturais e Territoriais, e secundariamente em Educação e Direitos Humanos.

A pesquisa exemplifica, por meio da realidade do Quilombo Dona Selvina, como os processos de luta territorial se convertem em práticas de afirmação identitária, evidenciando a importância da oralidade, da memória e dos modos de vida tradicionais. Tais elementos se aplicam em contextos mais amplos de formulação de políticas públicas, valorização da diversidade cultural e fortalecimento de práticas de resistência.

As atividades desenvolvidas foram relevantes para o aprofundamento da temática porque permitiram a coleta e análise de narrativas de mulheres quilombolas, possibilitando compreender como elas articulam práticas cotidianas e estratégias políticas de resistência. Para o público-alvo estudantes, pesquisadores e lideranças comunitárias, os resultados da pesquisa podem auxiliar na reflexão crítica sobre identidade, território e direitos coletivos, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos aplicáveis em sua futura atuação acadêmica e social.

O contexto das atividades é marcado pela necessidade de dar visibilidade às vozes femininas quilombolas, unindo ensino, pesquisa e extensão. No ensino, contribui para a formação crítica de estudantes envolvidos no projeto; na pesquisa, amplia o debate acadêmico sobre identidade quilombola; e na extensão, promove a interação direta com a comunidade, fortalecendo o diálogo entre saberes acadêmicos e tradicionais. A relevância da pesquisa reside justamente nessa indissociabilidade, pois so-



mente pela integração entre ensino, pesquisa e extensão é possível reconhecer e valorizar os saberes locais, construindo conhecimento comprometido com a transformação social.

II. BASE TEÓRICA

A identidade, segundo Stuart Hall (2016), é resultado de processos discursivos que nos interpelam e nos constituem como sujeitos sociais. No contexto quilombola, a identidade não é apenas herança de descendência, mas construção contínua de subjetividades ancoradas em práticas discursivas e culturais. Essa concepção permite compreender como as mulheres quilombolas constroem sua identidade no entrecruzamento entre saberes ancestrais e enfrentamentos cotidianos.

Antônio Bispo dos Santos (2023) critica a noção ocidental de cultura, defendendo a ideia de 'modos de vida' como categorias que refletem práticas de resistência, ancestralidade e autonomia. Para ele, quilombos são territórios vivos, sustentados pela cosmologia, pelo vínculo com a natureza e pelas relações comunitárias.

Rogério Haesbaert (2011) contribui com a noção de multiterritorialidade, ampliando o conceito de território para além do espaço físico, incluindo dimensões simbólicas, afetivas e políticas. Já Paul Little (2002) conceitua a territorialidade como esforço coletivo de um grupo para ocupar, usar e controlar uma área, transformando-a em território, reforçando a dimensão histórica e política desse processo.

Alfredo Wagner Almeida (2011) destaca que a autodefinição como quilombo é fruto de processos históricos e políticos contemporâneos, não se limitando à fuga da escravidão. Essa perspectiva dialoga com Abdias do Nascimento (2020), que entende quilombo como espaço de solidariedade, comunhão e resistência coletiva.

Essas contribuições teóricas permitem situar a experiência das mulheres do Quilombo Dona Selvina dentro de um campo mais amplo de reflexão sobre identidade,



território e resistência, ressaltando a centralidade de suas práticas no fortalecimento comunitário.

III. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

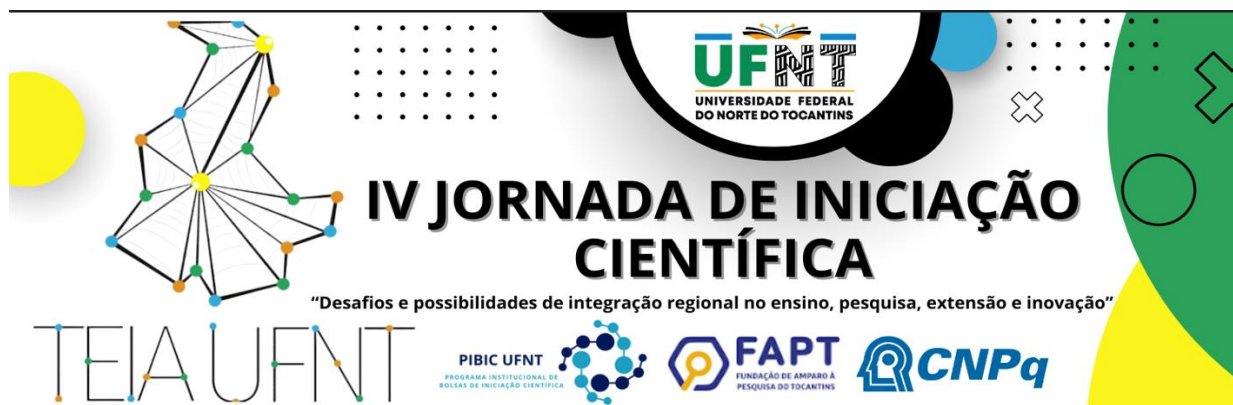
Compreender o papel das mulheres no processo de construção da identidade quilombola por meio da luta pelo reconhecimento e pela demarcação do território no Quilombo Dona Selvina.

Objetivos específicos:

- Identificar como ocorre a atuação das mulheres na luta pela demarcação do território;
- Analisar de que maneira essa luta territorial se relaciona com os processos de construção da identidade quilombola;
- Evidenciar como essas mulheres elaboram e afirmam sua identidade a partir das experiências ligadas ao reconhecimento e resistência em defesa de seu território ancestral;

IV. METODOLOGIA

Com base em Portelli (2016), a pesquisa utiliza abordagem qualitativa fundamentada na História Oral. As entrevistas, realizadas com cinco mulheres anciãs da comunidade e selecionadas por amostragem intencional, buscam registrar suas narrativas de vida, experiências de luta e vínculos com o território. O trabalho de campo envolve visitas à comunidade, escuta atenta e registro sistemático, respeitando os princípios éticos da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais envolvendo seres humanos.



Para Portelli (2016), a História Oral é um processo dialógico no qual entrevistador e entrevistado cocriam a narrativa. As fontes orais não existem de forma isolada, mas se constituem na interação e no compartilhamento de experiências. A análise dos dados será realizada por meio da análise temática, valorizando a subjetividade, a memória e o contexto histórico das entrevistadas. Minayo (2009) reforça a importância da subjetividade nas pesquisas qualitativas, destacando que os significados atribuídos pelos sujeitos devem ser reconhecidos como centrais na interpretação dos fenômenos sociais.

V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a luta pela certificação como remanescente de quilombo, conquistada em 2016, mobilizou a comunidade em torno de estratégias coletivas que envolveram articulação política, produção de documentos e fortalecimento identitário. As mulheres desempenharam papel protagonista nesse processo, seja na organização comunitária, na transmissão de saberes ancestrais, ou na mobilização junto a instituições.

As entrevistas revelam que a identidade quilombola é construída na prática cotidiana: no cultivo da terra, na realização de rituais, na partilha de narrativas e na resistência frente às ameaças externas. Essas práticas se alinham à concepção de Hall (2016), para quem a identidade é processual e discursiva, e à de Bispo dos Santos (2023), que entende os modos de vida como elementos dinâmicos e transformadores.

O território surge como espaço simbólico e político, um 'corpo coletivo' que articula memória, ancestralidade e resistência. Haesbaert (2011) e Little (2002) permitem compreender essa territorialidade como relacional, atravessada por tensões e solidariedades em diferentes escalas. Nesse contexto, as práticas cotidianas de



resistência são fundamentais para desafiar estruturas coloniais e construir alternativas próprias. Nesse sentido, as mulheres do Quilombo Dona Selvina se afirmam como sujeitas políticas, produtoras de conhecimento e guardiãs da memória coletiva.

A discussão aponta que a luta territorial não é apenas por posse legal da terra, mas por condições de existência que garantam a continuidade de modos de vida tradicionais e a reprodução cultural das novas gerações. Trata-se de uma luta simbólica, política e existencial.

VI. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória das mulheres do Quilombo Dona Selvina demonstra que a construção da identidade quilombola é um processo contínuo, marcado pela resistência, pela ancestralidade e pelo vínculo com o território. As mulheres assumem papel central como protagonistas na luta pela certificação e pela demarcação do território, articulando práticas políticas, jurídicas, culturais e comunitárias. Conclui-se que a identidade quilombola é forjada na vivência cotidiana, no enfrentamento ao racismo estrutural e na afirmação de modos de vida próprios. Além de seu valor social e político, este estudo contribui para o campo acadêmico ao evidenciar como metodologias que valorizam a oralidade e a subjetividade permitem compreender as múltiplas dimensões da resistência.

Aponta-se, ainda, para a necessidade de políticas públicas mais sensíveis às especificidades das comunidades quilombolas, especialmente no que diz respeito à titulação de terras, à preservação cultural e à valorização do protagonismo feminino.

VII. REFERÊNCIA

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Quilombos e novas etnias. Manaus: UEA, 2011. 196 p.



HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: Do “fim dos territórios à multiterritorialidade”. 6. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011, 396 p.

HALL, Stuart. Introdução. In: **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016, 80 p.

LITTLE, Paul. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 2004, 251-290 p.

MINAYO, M. C. O desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. Editora perspectiva SA, 2020. 392 p.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. Trad. Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016, 200 p.

SANTOS, Antônio Bispo do. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI/UNB, 2015, 150 p.

VIII. AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil. Agradecemos às mulheres da Comunidade Quilombola Dona Selvina por compartilharem suas histórias e experiências, e às instituições e grupos de pesquisa que colaboram no desenvolvimento desta pesquisa.